

RECIPEB: Revista Científico-Pedagógica do Bié

ISSN: 2789-4487

Vol. 4, Nº 2, Julho – Dezembro, 2024

POEMA: Recurso de Ensino-Aprendizagem da História de Angola e de África

POEMA: Recurso de Enseñanza-Aprendizaje sobre la Historia de Angola y África.

POEM: Teaching-Learning Resource on the History of Angola and Africa.

Waldmar Cahila ¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5320-7492>

João Sicato Kandjo²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1659-9674>

RECEBIDO: Março, 2024 | **ACEITE:** Outubro, 2024 | **PUBLICADO:** Dezembro, 2024.

RESUMO

O ensino da História constitui um grande desafio para os profissionais desta área na medida em que é extremamente difícil operacionalizá-lo devido ao seu carácter abstracto, ou seja, por constituir uma realidade já passada, não é possível experimentar os factos históricos nos laboratórios tal como acontece com as ciências experimentais, deixando assim os estudantes menos motivados. Foi neste contexto, fruto da experiência dos autores que surgiu a ideia de escrever um artigo cujo objectivo principal consiste em analisar o poema como recurso de ensino-aprendizagem da História (Angola e África), tendo em conta as capacidades que se podem desenvolver tais como: análise, interpretação, estabelecer relações/comparações, além de tornar as aulas mais motivadas, criativas e participativas, fazendo desta forma com que os estudantes construam os seus próprios conhecimentos. Do ponto de vista metodológico, recorre-se a análise documental (poema), revisão bibliográfica, análise e síntese que constituem métodos fundamentais na construção do conhecimento Histórico. A utilização dos poemas permite a formação, desenvolvimento e consolidação das seguintes habilidades: interpretação, análise, síntese, imaginação, comparação, generalização.

Palavras-chave: Poema; Recurso de aprendizagem; Ensino-Aprendizagem da História.

¹ Mestre em Ensino da História de África pelo ISCED-HUÍLA, Professor de História de Angola-I e Práticas Pedagógicas-I no Instituto Superior de Ciências de Educação do Huambo. Correio electrónico: waldmar69@gmail.com.

² Mestre em Ensino da História da África, Professor de História da África I, II e III e História de Angola no Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo, ISCED-Huambo, Instituto Superior Politécnico Sol Nascente, ISPSN e Instituto Superior Politécnico da Caála, ISPCÁALA. Correio electrónico: [sikatokandjo10@gmail.com](mailto:sicatokandjo10@gmail.com).

RESUMEN

La enseñanza de la Historia constituye un gran desafío para los profesionales de esta área ya que resulta sumamente difícil operacionalizarla debido a su carácter abstracto, es decir, al constituir una realidad pasada, no es posible experimentar hechos históricos en los laboratorios como tales. Al igual que ocurre con las ciencias experimentales, dejando así a los estudiantes menos motivados, fue en este contexto a raíz de la experiencia de los autores que surgió la idea de escribir un artículo cuyo principal objetivo es analizar el poema como recurso de enseñanza-aprendizaje de la Historia. (Angola y África), teniendo en cuenta las habilidades que se pueden desarrollar tales como: análisis, interpretación, establecimiento de relaciones/comparaciones, además de hacer las clases más motivadas, creativas y participativas, permitiendo así que los estudiantes construyan su propio conocimiento. Desde el punto de vista metodológico se utiliza el análisis documental (poema), la revisión bibliográfica, el análisis y la síntesis, que constituyen métodos fundamentales en la construcción del conocimiento histórico. El uso de poemas permite la formación, desarrollo y consolidación de las siguientes habilidades: interpretación, análisis, síntesis, imaginación, comparación, generalización, etc.

Palabras clave: Poema; Recurso de aprendizaje; Enseñanza-Aprendizaje de la Historia.

ABSTRACT

The teaching of History constitutes a great challenge for professionals in this area as it is extremely difficult to operationalize it due to its abstract nature, that is, as it constitutes a past reality, it is not possible to experience historical facts in laboratories as such. As with experimental sciences, thus leaving students less motivated, it was in this context as a result of the authors' experience that the idea of writing an article emerged whose main objective is to analyze the poem as a teaching-learning resource for History (Angola and Africa), taking into account the skills that can be developed such as: analysis, interpretation, establishing relationships/comparisons, in addition to making classes more motivated, creative and participatory, thus enabling students to construct their own knowledge. From a methodological point of view, documentary analysis (poem), bibliographic review, analysis and synthesis are used, which constitute fundamental methods in the construction of historical knowledge. The use of poems allows the formation, development and consolidation of the following skills: interpretation, analysis, synthesis, imagination, comparison, generalization, etc.

Keywords: Poem; Learning resource; Teaching-Learning History.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma experiência dos autores, a quando da formação de mestrado em Ensino da História da África, no Instituto Superior de Ciência da Educação da Huíla-ISCED-HUÍLA, num dos módulos sobre a História do Nacionalismo Angolano I e II, cujo objectivo principal, consiste em analisar o poema como recurso de ensino-aprendizagem da História (Angola e África), que por sua vez, permite desenvolver nos estudantes diversas habilidades, como: interpretação, análise, síntese, contextualização, comparação etc.

A disciplina de história ainda é, por alguns professores, apresentada aos alunos como algo morto e sem vida, onde só existem factos, marcos históricos extrínsecos que não estão ligados às suas vidas. Desse modo, é compreensível perceber em muitos desses alunos, um posicionamento de decoradores de factos, datas e

personagens “mitológicos” ou “heroicizados”. (Da Cruz Pereira, 2010 citado por Fernandes, 2021).

Isto justifica o comportamento de certos estudantes quando o professor de História entra em sala de aula. A experiência dos autores no acompanhamento das aulas práticas, regista-se um grande desinteresse por parte dos mesmos em relação à Disciplina de História, que apenas trata das coisas alheias e passadas. Mas este pensamento desenvolvido pelos alunos em relação à disciplina de História, muitas vezes passa pela falta de criatividade que alguns docentes acarretam na prática da sua profissão, utilizando muitas vezes meios inadequados que não permite uma participação activa por parte dos mesmos.

A utilização do poema como recurso de ensino faz com que os estudantes participem de forma activa na construção da aula, uma vez que, os mesmos precisam analisar e interpretar as informações contidas em cada poema partilhado pelo docente.

A sua utilização em sala de aula converte os estudantes em protagonistas e sujeitos da História da sua comunidade, porque lhe permitirá estabelecer relações e comparações a nível geral e particular.

Desta forma, o presente artigo encontra-se constituído em três secções, sendo que a primeira trata da sustentabilidade teórica como uma abordagem sobre recursos de ensino-aprendizagem e algumas considerações sobre a utilização de poemas como recurso no processo de ensino-aprendizagem da História, o segundo momento trata da metodologia do estudo e a terceira secção aborda os aspectos da análise, interpretação dos poemas seleccionados e finalmente as conclusões ou considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Os recursos de ensino-aprendizagem

A determinação dos recursos de ensino por parte do docente é uma tarefa fundamental que deve ser feito com o máximo cuidado, uma vez que, na perspectiva de Souza (2007, p.26) "deve servir como motivação aos mesmos, predispor maior interesse pelo conteúdo ministrado e facilitar a compreensão do conteúdo proposto".

Isto implica que, o poema, por trazer uma mensagem conotativa e não denotativa desenvolve a capacidade de questionamento por parte do estudante, em querer saber o que está por de trás daquela informação.

Neste sentido, o docente deve ter a capacidade de olhar para os recursos de ensino, numa perspectiva geral, tendo em conta alguns factores que podem facilitar a sua utilização, Tal como afirma Silva, et all (2017):

No contexto diário da sala de aula, muitos recursos didácticos podem ser utilizados, a escolha depende de factores como a visão do educador acerca do recurso, a finalidade de sua utilização, a disponibilidade financeira para sua aquisição e principalmente da aceitabilidade dos estudantes (Rever todas as citações directas. De acordo com a norma

APA 7ª edição, as citações directas extensas têm um recuo de 1,27 cm e espaçamento duplo entre linhas. (Silva, et all, 2017, p.27).

A visão do docente é fundamental para obter aceitação dos estudantes, para que o processo seja comunicável e repleto de trocas de sensações entre eles, tal como afirmam Miranda e Echevarría (2017).

Eles constituem o suporte material dos métodos de ensino e de aprendizagem, servem de instrumentos operacionais, de fonte de actividades e são geradores de actos comunicativos. Enriquecem as percepções e sensações, provocam e mantêm o interesse, especificam e reforçam a atenção e promovem processos de aprendizagem em que se vão integrando os conhecimentos (Miranda & Echevarría, 2017, p.51).

Na actualidade, a visão sobre os recursos de ensino, tem sido cada vez mais alargada e sempre poderá depender da capacidade criativa do próprio docente, desde que os mesmos sirvam para facilitar a aprendizagem dos estudantes, como referiu Souza (2007):

Recurso didáctico é todo material utilizado como auxilio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo docente a seus alunos, neste caso, há uma infinidade de recursos que podem ser utilizados nesse processo, desde o quadro de giz até uma data show passando por jogos, passeios para pesquisa de campo e assim por diante (Souza, 2007, p.110).

Neste sentido:

O docente deverá considerar um recurso como algo que multiplica as possibilidades de exercer uma acção mais eficaz sobre os estudantes, principalmente se a sua selecção e uso estiver em conformidade com as circunstâncias e a disponibilidade em que o processo será desenvolvido (Miranda & Echevarría, 2017, pp.51-52).

Isto implica que a selecção dos recursos de ensino, deve ser feita em função do contexto em que o processo deverá ser conduzido, sob pena de falhar com os objectivos da aula. Por isso a variedade na utilização dos recursos de ensino no processo de ensino-aprendizagem deve ser uma tarefa permanente por parte dos docentes, envolvendo aos estudantes em todas as actividades que favoreçam a aprendizagem dos mesmos, razão pela qual, Souza (2007), busca os argumentos de Pestalozzi (1746-1827), uma vez que, para ele:

Uma educação seria verdadeiramente educativa se proviesse de actividade dos jovens, fundou um internato onde o currículo adoptado dava ênfase a actividade dos estudantes como canto, desenho, modelagem, jogos, excursões ao ar livre, manipulação de objecto

onde as descrições deveriam preceder as definições; o conceito nascendo da experiência directa e das operações sobre as coisas (Souza, 2007, p.112).

O mesmo autor chama atenção à necessidade de os docentes actualizarem-se cada vez mais em função da rápida evolução das sociedades, como consta mais abaixo:

O docente deve ter objectivos claros ao trabalhar utilizando os vários recursos didácticos que lhe são apresentados actualizando-se a todo o momento, para isso mais uma vez, é preciso enfatizar a importância do apoio estrutural da escola, manipulando materiais concretos o aluno envolve-se fisicamente em uma situação de aprendizagem activa (Souza, 2007, p.113).

O processo de ensino-aprendizagem exige que o docente esteja constantemente actualizado com as novas dinâmicas de ensino, e a escola deve impulsionar essa nova tendência quer do ponto de vista estrutural, quer do ponto de vista funcional, pois os recursos de ensino constituem todos os objectos usados no processo de ensino-aprendizagem para que os estudantes possam de uma maneira mais eficiente e eficaz, apropriar-se do conteúdo e atingir o objectivo (Miranda & Echevarría, 2017).

Neste sentido, a sua utilização permite aos estudantes desenvolverem várias habilidades, como refere os autores acima citados:

Os recursos actuam como um gerador de comunicação porque, ao expressar algo, transportam uma mensagem que há que compreender. A mensagem em si provoca efeitos sobre os estudantes, despertando-lhes a sensibilidade e pode promover mudanças nas atitudes, aumentar o nível das significações e estimular a sua imaginação. Os recursos de ensino-aprendizagem são necessariamente abertos e dinâmicos porque estão intimamente relacionados com o desenvolvimento científico-tecnológico do mundo contemporâneo (Miranda & Echevarría, 2017, p.51).

É essencial deixar claro que para explorar racionalmente estes recursos é necessário planeá-los, tendo em conta certas condições fundamentais, algumas sugeridas pelos autores acima referenciados:

- Não devem ser empregados como algo independente dos restantes componentes do processo, mas como parte de um sistema que integra a actividade docente;
- Devem ter-se presente as condições em que vão ser utilizados (Miranda & Echevarría, 2017).

2.2. O POEMA COMO RECURSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA

No Dicionário de Termos Literários, a definição de poema, faz-se referência a uma criação, invenção e trabalho, pois, está relacionada a uma "palavra semanticamente

instável, vincula-se pela etimologia e por natureza, à poesia. Considera-se poema toda composição literária de índole poética, um organismo verbal que contém, suscita ou agrega poesia" (Massaud, 2013, p.365).

Um poema é um texto que procura transmitir um conteúdo subjectivo, experiências, pensamentos, sentimentos por meio de uma linguagem figurada e com um ritmo verbal, em que a sua composição é feita em versos, embora seja também escrito em prosa (Camacho & Tavares, 2014).

O conceito de poema, reflecte uma mensagem oculta que para sua compreensão se deve necessariamente passar por um exercício de interpretação, análise e imaginação, razão pela qual, é um recurso adequado para desenvolver aos estudantes as habilidades referidas.

É sempre relevante deixar claro a diferença entre poesia e poema, tal como argumenta a Professora Zarpelon:

Ao contrário do que parece, a poesia não é apenas um estilo literário, ela também está presente em paisagens, objectos, fotografias e músicas, pois significa produção artística, ou seja, poesia é tudo que utiliza recursos especiais para expressar significados, sentimentos, ritmos, rimas, metáforas, cores e sons, ao passo que poemas podem ser identificados com maior facilidade, porque seguem um formato muito característico, uma vez que, são feitos com palavras em formato verso, normalmente apresentados em rimas (Zarpelon, 2021, p. 1).

Neste contexto, o docente como facilitador do processo de ensino-aprendizagem tem a obrigação de instigar os estudantes na busca pelo conhecimento que vão além das suas imaginações e o poema é sem dúvidas um recurso que contribui para este processo, porque ele enriquece a capacidade intelectual dos estudantes "além de revelar em poucos versos, mensagens que os textos Históricos necessitam de inúmeras páginas" (Cavalcanti, 2014, p.13).

Para tal é necessário a utilização correcta do mesmo por parte do docente, como consta mais abaixo:

No entanto, para que seja possível utilizar o poema em sala de aula é essencial saber fazer o uso correctamente, visto que o texto pode possuir uma linguagem difícil e os estudantes apresentarem dificuldades, se sentir incapacitados e criar visões erradas, por isso, saber utilizar esse instrumento é um desafio para os docentes, que possui a responsabilidades de desconstruir ideias equivocadas sobre o poema em sala de aula e proporcionar reflexões que agregam valores e conhecimentos aos estudantes (Salazar, Elaine da Silva & Conceição da Silva, 2020, pp.3-4).

O poema está presente no quotidiano dos angolanos e de forma particular na construção da História de Angola e da África, a prova do presente argumento pode ser encontrada no Poema de vários nacionalistas angolanos e africanos.

Enquadrar o poema no ensino da História (Angola e África) torna as aulas de História mais problemáticas, o que ajuda bastante no desenvolvimento de várias habilidades (comunicativa, capacidade de analítica, capacidade interpretativa, criatividade, pensamento crítico, flexibilidade e agilidade) por parte dos estudantes através de leituras analítica e críticas orientadas pelo docente, para que a mesma tenha uma valorização prática dos referidos estudantes. Tal como já se referenciou nas secções anteriores:

Para que o saber histórico assuma uma realidade prática, isto é, voltada para a realidade dos estudantes, é extremamente necessário que os sujeitos (estudantes) envolvidos no seu processo de ensino-aprendizagem, exercitem na sala de aula, habilidades como a de interpretar, analisar, associar, comparar, reconhecer, seleccionar e avaliar (30º Simpósio Nacional de História-recife, 2019, p.8).

Vê-se claramente que estas habilidades nem sempre são estimuladas nas aulas de História, já que muitos docentes limitam-se simplesmente na transmissão de conteúdos que se encontram nos programas da referida disciplina.

Mas estas habilidades podem ser desenvolvidas em sala de aula com maior facilidade, se o docente utilizar recursos que possibilitam operacionalizar tais habilidades. O poema em sala de aula, ajuda ao docente trazer uma nova dinâmica que permite a construção de novas memórias, quer colectivas e individuais, fazendo com que os estudantes possam olhar para a História como uma disciplina prática, atribuindo-lhe mais valor, e por sua vez, o mesmo (estudante) se tornará num sujeito construtor da sua própria História.

O que se pretende, é trazer a ideia de que o ensino da História não é apenas uma actividade que consiste na transmissão dos conhecimentos, porque quando se olha apenas como a transmissão de conteúdos a própria História torna-se morta, ou seja, traz uma realidade que não impacta a vida dos estudantes.

Esse sentido atribuído à disciplina por parte dos estudantes torna o processo de ensino-aprendizagem da História numa actividade que consiste meramente em decorar factos e datas sobre os acontecimentos do passado, sem nenhuma utilização na vida prática dos mesmos.

Estas ideias são apresentadas por Lee, ao afirmar que “em sala de aula, é necessário que os nossos estudantes sejam levados à compreensão de que a História não é apenas um conhecimento de lembranças de eventos do passado” (Lee, 2006, p.134). Mas sim, como um conhecimento que deve ser construído por meio de métodos e recursos, e por sua vez, trazer um saber histórico que traz na realidade dos estudantes vários significados com o seu presente quotidiano.

O poema em Angola, feito pelos nacionalistas angolanos, exerce fundamentalmente esse papel nas aulas de História, porque as habilidades que já se citaram anteriormente podem proporcionar reflexões, interpretações, questionamentos sobre a identidade, hábitos, costumes, nação, nacionalidade, nacionalismo, cultura, tradição etc. O poema permite formar e desenvolver várias imaginações e habilidades, tal como se fez saber no 30º Simpósio Nacional de História:

A relação estabelecida na sala de aula, entre História e Poema tem como objectivo voltar-se para formas criativas de ensinar a própria História e torná-la interessante aos estudantes, que, situado no contexto actual (da informação, da rapidez dos eventos, do esquecimento e da incessante busca pelo presente), muitas vezes não encontram utilidade para aquilo que se consideram como estudo do passado. (30º Simpósio Nacional de História-recife, 2019, p.11).

Neste caso:

O poema como recurso de ensino para a História pode auxiliar o docente na conquista de novos espaços e funcionalidades para o seu trabalho com os seus estudantes, possibilitando uma História rica em caminhos e realizando aquilo que Montesqueu chamou de ampliar “a esfera do ser”, assim a História, traz em sala de aula diferentes culturas, visões, ideias e pensamentos efectivos para a vida dos estudantes não apenas como curiosidade e obrigações. O poema como exercício criativo de ser humano, recupera o lado sensível da História, fazendo dela um conhecimento vivo (30º Simpósio Nacional de História-recife, 2019, p.11).

Sem dúvidas que o docente é obrigado a desenvolver uma capacidade geral de identificar e seleccionar variados recursos de ensino, sob pena de cair-se (docentes) na ideia reducionista de recursos de ensino que muitos docentes possuem (Pilette, 2004).

3. METODOLOGIA

3.1. Tipo de Pesquisa

Quanto à abordagem é qualitativa, uma vez que "a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais". (Gerhandt & Silveira, 2009, p.31).

Para Minayo (2001) citado por Gerhandt & Silveira (2009):

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, mas tem alargado seu campo de atuação a áreas como a História e a Educação. (Minayo, 2001 citado por Gerhandt & Silveira, 2009, p.31).

Quanto ao objectivo, a pesquisa é descritiva, pois "exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar, para além de descrever os factos e fenómenos de determinada realidade" (Triviños, 1987 citado por Gerhandt & Silveira, 2009, p.32). Alguns exemplos deste tipo de pesquisa são: estudos de caso, análise documental etc.

Métodos

Do ponto de vista metodológico, recorre-se a análise documental (poema), que constitui efectivamente o pano de fundo do presente artigo, ou seja, é através da análise feita aos poemas que se vai estabelecer uma relação com as referidas temáticas e finalmente a análise e síntese, que é consequência da produção da última sessão deste artigo.

3.2. População e amostra

O presente artigo contou com um universo populacional de sete (7) poemas pertinentes e que representam uma contribuição clara a História (Angola e África), para além:

- Apresentarem uma linguagem simples que expressa angolanidade;
- Por serem autores bastante conhecidos entre os angolanos e não só;
- Por serem todos do século XX, pois é a partir deste século que se intensifica as lutas de libertação, consequência das ideias nacionalistas;
- Por apresentarem conteúdos que permitem relacionar com várias temáticas dos programas das Disciplinas de História de África e de Angola, como consta mais abaixo:

Poemas:

- Tomaz Vieira da Cruz, cujo título é: O colono de 1950;
- Poema de Viriato da Cruz, cujo título é: Mamã Negra (canto da esperança) de 1987;
- Poema de Agostinho Neto, cujo título é: Voz do Sangue de 1980;
- Poema de Luandino Viera cujo título é: Uma *Quitandeira*³ de 1978;
- Poema de Geraldo Bessa Victor, cujo título é: O Menino Negro não entrou na Roda de 1943;
- O Poema de António Jacinto, cujo título é: da Alienação de 1961;
- Poema de Viriato da Cruz, cujo título é: *Makèsú* publicado em 1961.

Dos sete (7) poemas acima referenciados de nacionalistas que contribuíram de forma significativa para a História de Angola e de África, que constituem a população do presente artigo, seleccionaram-se quatro (4) que serviram de amostra, que corresponde a 57,14% da população, como consta abaixo:

- Poema de Luandino Viera cujo título é: Uma *Quitandeira* de 1978;
- Poema de Geraldo Bessa Victor, cujo título é: O Menino Negro não entrou na Roda de 1943;
- Poema de Viriato da Cruz, cujo título é: *Makèsú* publicado em 1961;

³ Faz-se referência a uma vendedora ambulante.

- O Poema de António Jacinto, cujo título é: da Alienação de 1961.

De referir que a selecção dos mesmos, não obedeceu ao um critério político ou partidário, mas sim em função das temáticas que compõem os programas das referidas disciplinas (História de Angola-I, História de Angola-II e História de África-I), que permite estabelecer uma relação com as mensagens contidas nos poemas, tal como consta abaixo:

O tema nº 5 da disciplina de História de Angola-II aborda acerca da "luta de libertação nacional" onde constam vários subtemas, dentre eles, o "nacionalismo Angolano", em que se aborda a questão da origem e do desenvolvimento de um sentimento nacionalista por parte dos angolanos, e o poema de Luandino Viera cujo título é: "Uma Quitandeira" remete ao leitor um questionamento sobre Luanda/Angola, isto é, onde está Luanda/Angola, e dizer, era necessário encontrar um elemento que definisse o angolano e no final o autor faz referência que Luanda/Angola está no coração, ou seja, era necessário desenvolver um sentimento de pertença a Angola (nacionalista) para lutar contra a dominação colonial;

O Tema nº1 da Disciplina de História de África-I faz referência às "considerações gerais sobre o continente Africano" onde consta o subtema "os mitos da não historicidade das sociedades negras africanas, autores, análises e crítica", onde se apresentam as teorias que excluem a História de África da História Universal, por considerarem as sociedades negras africanas sem História e o poema de Geraldo Bessa Victor, cujo título é: "O Menino Negro não entrou na Roda", faz referência à exclusão do "menino negro a uma roda (História Universal)" neste caso, o menino é referenciado como a história das sociedades negras africanas;

O tema nº4 da Disciplina de História de Angola-II aborda sobre "a política portuguesa em angola" onde consta o subtema "a política assimilacionista" que visava a desaculturação dos angolanos através da assimilação da cultura portuguesa e o poema de Viriato da Cruz, cujo título é: Makèsú faz referência aos hábitos da cultura portuguesa que os angolanos assimilaram fruto desta política;

O tema nº4 da Disciplina de História de Angola-II aborda sobre "a política portuguesa em angola" onde consta o subtema "a política de trabalho indígena", ou seja, como os angolanos eram submetidos ao trabalho indígena e claramente o poema de António Jacinto, cujo título é: "Alienação" faz referência precisamente às condições em que os angolanos eram submetidos nas várias plantações de café etc.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS POEMAS

Tal como se fez referência na secção introdutória, na presente secção, procura-se apresentar alguns procedimentos de como o docente pode trabalhar com poemas nas suas aulas como recurso de ensino, a depender da temática, na disciplina de História de Angola.

O docente terá que seleccionar os poemas de acordo às temáticas que constam na programação de cada Disciplina (História de Angola I, II e de África I, II e III), para que seja uma aula não só inovadora e motivadora para os estudantes, mas também instrutiva atendendo ao objectivo da aula.

Nas Disciplinas de História de Angola I e II, é relativamente fácil o docente trabalhar na selecção dos poemas, já que grande parte dos seus protagonistas eram poetas, desde: Agostinho Neto, António Jacinto, Luandino Viera, Alexandre Dascálo, Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade, etc.

O docente pode trazer os poemas na sala de aula e seleccionar com os estudantes, trabalhando com o programa da disciplina.

A ideia consiste em colocar os estudantes no centro da construção do seu próprio conhecimento e o docente aparece como um guia/orientador /mediador, cumprindo assim com as dinâmicas de ensino hoje.

Em relação à disciplina de História de África, o procedimento é igual, na medida em que muitos poemas dos nacionalistas angolanos não faziam referência simplesmente a Angola, mas a África e ao Mundo e por outra, grande parte dos pan-africanistas foram poetas, com maior destaque para Frantz Omar Fanon, Leopoldo Sedar Senghor, Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Alam Lock e outros.

Para isso, o docente terá que usar nas suas aulas uma retroprojectora, para que a turma tenha acesso ao poema e de seguida, vai explorando a capacidade de análise, de interpretação e de contextualização de cada estudante, que terão como guia a temática do programa, caso não tenha uma retroprojectora, pode distribuir textos nos estudantes onde constam os poemas seleccionados.

Em abaixo constam algumas análises que exemplificam como o docente pode trabalhar com os seus estudantes em temáticas históricas usando poemas como recurso de ensino-aprendizagem:

Disciplina: História de Angola-II

Tema: 5 - A luta de libertação nacional

Subtema: O nacionalismo Angolano

- **Objectivo Geral:** analisar a luta de libertação nacional

Domínio Instrutivo:

No final da aula, o estudante será capaz de:

- Identificar correctamente no texto poético, a mensagem que expressa o *sentimento de pertença* dos angolanos ao território de Angola;

Domínio Educativo:

- Manifestar nos estudantes um sentimento de amor à nação;

Métodos: Exposição Oral pelo Professor; Elaboração Conjunta e Trabalho Independente;

Procedimentos: Explicativo-Ilustrativo; Exemplificação;

Recursos de Ensino: Retroprojectora; Poemas e Livros.

Título do Poema: Uma Quitandeira.

Autoria: Luandino Viera.

Luandino Vieira	caminhos vermelhos	As casa antigas
LUANDA ONDE ESTÁ?	de todos os dias?	o barro vermelho
A pergunta no ar	"maboque, m'boquinha boa	as nossas cantigas
no mar	doce docinha"	tractor derrubou?
na boca de todos nós:	- Mano	Meninos das ruas
- Luanda onde está?	não pode responder	cacambulas
Silêncio nas ruas	o tempo é pequeno	quigosas
Silêncio nas bocas	para vender!	brinDisciplinas minhas e tuas
Silêncio nos olhos	Zefa mulata	asfalto matou?
- Xé	o corpo vendido	- Manos
mana Rosa peixeira	baton nos lábios	Rosa peixeira
responde?	os brincos de lata	quitandeira Maria
-Mano	sorri	você também
Não pode responder	abrindo o seu corpo	Zefa mulata
tem de vender	- seu corpo cubata!	dos brincos de lata
correr a cidade	Seu corpo vendido	- Luanda onde está?
se quer comer!	viajado	Sorrindo
"Olá almoço, olá almoçoeee	de noite e de dia.	as quindas no chão
matona calapau	- Luanda onde está?	laranjas e peixe
ji ferrera ji ferrereee"	Mana Zefa mulata	maboque docinho
- E você	o corpo cubata	a esperança nos olhos
mana Maria	os brincos de lata	a certeza nas mãos
quitandeira	vai-se deitar	mana Rosa peixeira
vendendo maboques	com quem lhe pagar	quitandeira Maria
os seios-maboque	- precisa comer!	Zefa mulata
gritando, saltando	- Mano dos jornais	- os panos pintados
os pés percorrendo	Luanda onde está?	garridos, caidos

mostraram o coração:

- Luanda está aqui!
(Ferreira,1997. p. 239.)

Indicação metodológica:

Na aula de História de Angola, o docente poderá orientar aos estudantes, leituras análíticas dos textos poéticos e as devidas interpretações com objectivo de Identificarem, as mensagens que expressam o *sentimento de pertença* dos angolanos ao território de Angola e que certamente torna o referido País em uma nação.

Este é o objectivo do autor, por isso é que o mesmo apresenta uma linguagem simples, ou seja, uma linguagem popular, não o português padrão de Portugal, para que todos se identifiquem com a sua mensagem, que é certamente identificar os elementos que ligam os angolanos.

Apresenta através do seu poema um exercício prático, que o docente pode trabalhar na sala aula com objectivo de analisar, o que é ser angolano?! Os autores deste texto acreditam ser muito mais produtivo, inovador e criativo trabalhar certos conteúdos de História dentro da sala de aula, o estudante passa de um passivo, reprodutivo para um analista, pensador, criativo e por sua vez, o docente deixa de ser palestrante e automaticamente passa a ser um mediador, um guia, um orientador e a aula deixa de ser uma conferência, tal como se observa todos os dias, em que o docente entra na sala de aula, projecta o conteúdo, lê ou orienta um estudante para ler, explica e no final de tudo pergunta dúvida, pensando que usando retroprojectora está a tornar os estudantes activos.

No final de tudo, percebe-se claramente que o autor tenta passar a ideia de que a «nação» não se encontra nas quitandeiras, peixeiras, raça (preto ou branco), prostitutas, na língua Portuguesa, na cidade ou no bairro, nos meninos de rua, nem nos pratos típicos, mas sim no coração das pessoas, que expressam o sentimento de pertença por parte dos angolanos, de se auto-considerarem indivíduos da terra.

De referir que isto é apenas uma reflexão dos autores do presente texto, mas em sala de aula com os estudantes, podem surgir outras reflexões/interpretações que tem que ver não só com o contexto, mas também com actualidade angolana, uma vez que, através de um método observacional percebe-se claramente que há uma crise latente por parte dos angolanos, em não saber o que é ser um angolano?! Ou então, o quê que uni os angolanos?! Então, são estas reflexões que efectivamente tornam as aulas de História mais motivadoras e consequentemente produtivas.

Disciplina: História de África-I;

Tema: I - Considerações gerais sobre o continente Africano;

Subtema: Os "Mitos" da não historicidade das sociedades negras africanas, Autores, Análises e Crítica;

- **Objectivo Geral:** Conhecer os dados gerais sobre o continente Africano

Domínio Instrutivo:

No final da aula, o estudante será capaz de:

- Determinar no texto poético, a mensagem que expressa a exclusão do homem negro na História Universal;

Domínio Educativo:

- Rejeitar as narrativas sobre a não historicidade das sociedades negras africanas;

Métodos: Exposição Oral pelo Professor; Elaboração Conjunta e Trabalho Independente

Procedimentos: Explicativo-Ilustrativo; Exemplificação;

Recursos de Ensino: Retroprojectora; Poemas e Livros de História de África.

Título do Poema: O menino negro não entrou na roda;

Autoria: Geraldo Bessa Victor.

Geraldo Bessa Victor	as canções e danças das suaves brisas,	- disse um dos meninos com seu ar feliz.
O MENINO NEGRO NÃO ENTROU NA RODA	as canções e danças das brutais procelas.	A mamã, zelosa, logo fez reparo;
O menino negro não entrou na roda	E o menino negro não entrou na roda.	o menino branco já não quis, não quis...
das crianças brancas – as crianças brancas	Pássaros, em bando, voaram chilreando	O menino negro não entrou na roda.
que brincavam todas numa roda viva	sobre as cabecinhas lindas dos meninos	O menino negro não entrou na roda
de canções festivas, gargalhadas francas...	e pousaram todos em redor. Por fim,	das crianças brancas. Desolado, absorto,
O menino negro não entrou na roda.	bailaram seus voos, cantando seus hinos...	ficou só, parado com olhar de cego,
E chegou o vento junto das crianças	O menino negro não entrou na roda.	ficou só, calado com voz de morto (Ferreira, 1997. pp 56-57).
- e bailou com elas e cantou com elas	“Venha cá, pretinho, venha cá brincar”	

Orientações metodológicas:

O professor deverá orientar aos estudantes uma sessão de leitura e interpretação com objectivo de determinarem no texto poético, a mensagem que expressa a exclusão do homem negro na História Universal.

O professor de História de África poderá trabalhar com este poema, na temática que tem que ver com «os mitos da não historicidade do continente africano» teoria que foi sustentada por vários especialistas euro-cêntricos, interpretando a «roda» como a «História Universal», em que África não entrou (fazer parte), para além do tema nº4, que aborda a política portuguesa em Angola, onde se trata do racismo, ou seja, a maneira como o branco por ser branco trata/va o negro por ser negro.

Ao trabalhar com este poema podem fazer juntos com os seus estudantes, várias interpretações históricas que pode reflectir como o angolano foi excluído da sua terra, através do sistema colonial, ou seja, o colonialismo excluiu os povos nativos da sociedade colonial. Isto implica uma marginalização do povo, em função da cor da pele, ou seja, as dificuldades enfrentadas por um negro no período colonial.

Outra reflexão que se pode ter é a questão da superioridade do homem branco por causa da sua cor da pele, em relação ao homem negro também em função da sua cor da pele, ou seja, aquilo que Fanon (2019), chamou de «duplo narcisismo» em «pele negra, máscara branca», em que olha para o branco como escravo da sua própria pele, por considera-se superior ao negro, simplesmente pela sua cor da pele e por sua vez, o homem negro é escravo de si mesmo, por que ele considera-se inferior pelo facto de ser negro, por isso, em Angola nos dias actuais, verifica-se muita gente a tornar a pele clara até pessoas instruídas, ou seja, intelectuais, que tem se tornado praticamente em um problema de saúde pública.

Por isso, o menino negro, não entra na roda mesmo sendo chamado pelo menino branco, porque ele considera-se inferior em relação aos brancos, por ser negro e exclui-se, e por outro lado à senhora branca que recusa a ideia de o menino negro juntar-se ao seu filho (menino branco), por causa da supervalorização da cor branca. No final de tudo, todos (brancos e negros) precisam superar o trauma da colonização, ou seja, enquanto não se passar deste duplo narcisismo, todos continuarão a serem escravos.

Outra reflexão que se pode ter deste poema, é certamente considerar a «roda» como a «História» e dizer, que os africanos /angolanos não participaram na construção da História Universal, tal como Hegel em História Geral de África, no capítulo XI, afirmava que os povos do mundo estavam divididos entre os que tinham História, no caso os europeus, que contribuíram para o desenvolvimento da humanidade e os que não tinham História, que neste caso, referia-se aos africanos, que teriam ficado à margem do desenvolvimento espiritual universal, quer dizer que os africanos/angolanos não entraram na História Universal/roda (Ki-Zerbo, 2010).

Disciplina: História de Angola-II

Tema -4: A política ultra colonial (portuguesa em angola);

Subtema: A Política Assimilacionista;

Objectivo Geral: Analisar a política ultra colonial (portuguesa em angola);

Domínio Instrutivo:

No final da aula, o estudante será capaz de:

- Identificar correctamente no texto poético, os hábitos alimentares que expressa uma cultura assimilacionista por parte dos angolanos;

Domínio Educativo:

- Rejeitar a política assimilacionista aplicada em Angola;

Métodos: Exposição Oral pelo Professor; Elaboração Conjunta e Trabalho Independente;

Procedimentos: Explicativo-Ilustrativo; Exemplificação;

Recursos de Ensino: Retroprojectora; Poemas e Livros.

Título do Poema: Kuakie Makezú

Autoria: Viriato da Cruz.

“Kuakié!... Makèzú...”	No cruzeiro dos caminhos	- “Não sabe?! Todo esse povo
O pregão da avó Ximinha	Das gentes que vão p’ra Baixa.	Pegô num costume novo
É mesmo como os seus panos	Nem criados, nem pedreiros	Qui diz qué civrização:
Já não tem a cor berrante	Nem alegres lavadeiras	Come só pão com chouriço
Que tinha nos outros anos.	Dessa nova geração	Ou toma café com pão...
Avó Xima está velhinha	Das “venidas de alcatrão”	E diz ainda pru cima
Mas de manhã, manhãzinha,	Ouvm o fraco pregão	(Hum... mbundu Kene muxima...)
Pede licença ao reumático	Da velhinha quitandeira.	Qui o nosso bom makèzú
E num passo nada prático	- “Kuakié!... Makèzú, Makèzú...”	É pra véios como tu.”
Rasga estradinhas na areia...	- “Antão, véia, hoje nada?”	- “Eles não sabe o que diz...
Lá vai para um cajueiro	- “Nada, mano Filisberto...	Pru qué Qui vivi filiz
Que se levanta altaneiro	Hoje os tempo tá mudado...”	E tem cem ano eu e tu?”
	- “Mas tá passá gente perto...	- “É pruçê nossas raiz
	Como é aqui tá fazendo isso?”	Tem força do makèzú!...” (Jacinto, 1961, p.27).

Orientações metodológicas:

O professor deverá orientar aos estudantes uma sessão de leitura aos poemas e as devidas interpretações com objectivo de Identificarem, os hábitos alimentares e não só que expressa uma cultura assimilacionista por parte dos angolanos, fruto da alienação a cultura portuguesa. O professor poderá utilizar o referido poema na temática que trata sobre os modelos de administração portuguesa aplicados nas suas colónias, no caso mais concreto em Angola. Trata-se precisamente do modelo assimilacionista, que Portugal e França foram utilizando durante o período colonial. O referido modelo consistia na assimilação por parte dos povos nativos da cultura portuguesa, para que o individuo na teoria saísse de um estatuto de Indígena (pessoa natural do país em

que habita) para outro estatuto (cidadão português), mas na prática isso não acontecia, porque o mesmo depois de ser considerado supostamente um cidadão português, continuaria a não possuir os mesmos direitos de um verdadeiro cidadão Português.

Nascimento, afirma que:

Apesar de a terminologia assimilada já existir legalmente desde a Carta Orgânica de Angola de 1917, ainda no período republicano, estipulando a necessidade de um porte obrigatório do alvará, somente o regulamento de recenseamento e a cobrança do imposto indígena (1931), durante o salazarismo, expressavam de maneira mais clara e detalhada as condições que um indígena (nativo) teria de passar para se tornar um assimilado: 1) ter abandonado inteiramente os usos e costumes da raça negra; 2) falar, ler e escrever correctamente a língua portuguesa; 3) adotar a monogamia; 4) exercer profissão, arte ou ofício compatível com a civilização europeia, ou ter rendimentos suficientes para prover alimentação, sustento, habitação e vestuário para si e sua família (Nascimento, 2016, p.138).

Ao ver dos africanos, este conceito assimilado, numa primeira fase parecia uma alienação a cultura europeia, mas que posteriormente passou a sofrer outras interpretações, uma dessas interpretações foi feita pelo Professor Nascimento da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, quando dizia:

Usava-se o estatuto do assimilado, para ter alguma ascensão social e económica, construindo para tanto novos signos de identidade, mas também fazendo uso da legislação colonial para resistir aos sistemas de opressão existentes, perfazendo assim, um jogo pautado em novas estratégias de subjectivação (singular e colectiva) por um lado e de resistência por outro (Nascimento, 2022, p.156).

Percebe-se o assimilacionismo como uma espécie de estratégia por parte dos angolanos, em querer resistir às práticas violentas aplicadas pelos portugueses. É uma reflexão que de certa forma, faz alguns sentido, quando se olha aos argumentos apresentados por Wheeler e Pélissier “o assimilado foi o primeiro nacionalista em Angola, pois foi o primeiro angolano nativo a conceber Angola como uma nação e a apelar à reforma usando uma ideologia e técnicas da civilização ocidental” (Wheeler & Pélissier, 2006, p.70).

Esta é sem dúvidas uma reflexão fora dos padrões euro-centrísticos, que de certa forma, procura trazer nas interpretações históricas uma espécie de justiça, colocando o homem angolano, como um sujeito da sua própria História.

No poema acima, o autor não só denuncia o processo violento de desculturação, isto é, a destruição parcial, ou total, de uma cultura, que Portugal aplicava em Angola, mas a necessidade de os Angolanos alienados pela cultura portuguesa, olharem para as suas raízes, porque é onde se pode encontrar a identidade do angolano, ou seja, a essência do povo. O Makèsú como um elemento que representa os hábitos da cultura angolana, que os angolanos perderam fruto da alienação.

Numa aula problemática nestes termos, tal como já se referenciou, os estudantes têm maior possibilidades de activarem o raciocínio, a criatividade, a capacidade de pensamento, de comparação, contextualização e de relacionar os vários factos históricos, razão pela qual,

considera-se que as aulas de História são mais produtivas variando tanto os métodos como os recursos de ensino:

Disciplina: História de Angola-II

Tema -4: A política ultra colonial (portuguesa em angola);

Subtema: - A Política de Trabalho Indígena;

Objectivo Geral: Analisar a política ultra colonial (portuguesa em angola);

Domínio Instrutivo:

No final da aula, o estudante será capaz de:

- Identificar correctamente no texto poético, as condições em que os angolanos eram submetidos nas várias plantações dos portugueses;

Domínio Educativo:

- Manifestar nos estudantes um sentimento de rejeição as condições em que os angolanos eram submetidos nas várias plantações dos portugueses;

Métodos: Exposição Oral pelo Professor; Elaboração Conjunta e Trabalho Independente;

Procedimentos: Explicativo-Ilustrativo; Exemplificação;

Recursos de Ensino: Retroprojectora; Poemas e Livros.

Titulo do Poema: Alienação

Autoria: António Jacinto.

O meu poema anda por aí vadio	com um quibalo pobre à cabeça	“amanhã anda a roda amanhã a roda”
no mato ou na cidade	oferecendo-se	e a roda do meu poema
na voz do vento	oferecendo	gira que gira
no marulhar do mar	“carapau sardinha matona	volta que volta
no Gesto e no Ser	ji ferrera ji ferrerééé “	nunca muda
O meu poema anda por aí fora	O meu poema calcorreia ruas	“amanhã anda a roda amanhã anda a roda”
envolto em panos garridos	“olha a probíncia” “diááário”	O meu poema carrega sacos no porto
vendendo-se	e nenhum jornal traz ainda	enche porões
vendendo	o meu poema	esvazia porões
“ma limonje ma limonjééé”	O meu poema entra nos cafés	e arranja força cantando
O meu poema corre nas ruas		“tué tué tué trr

arrimbuim puim puim”	no quarto fechado	O meu poema anda na praça trabalha na
O meu poema vai nas cordas	do patrão nuinho a passear	cozinha
encontrou cipaio	a fazer apetite a querer violar	vai à oficina
tinha imposto, patrão	O meu poema é quitata	enche a taberna e a cadeia
esqueceu assinar o cartão	no Musseque à porta caída de uma cubata	é pobre roto e sujo
vai na estrada	“remexe remexe	vive na noite da ignorância
cabelo cortado	paga dinheiro	O meu poema nada sabe de si
“cabeça rapada	vem dormir comigo”	nem sabe pedir
galinha assada	O meu poema joga bola despreocupado	O meu poema foi feito para se dar
Ó Zé”	no grupo onde todo mundo é criado	para se entregar
picareta que pesa	e grita	sem nada exigir
chicote que canta	“obeçaito golo golo”	Mas o meu poema não é fatalista
O meu poema vem do Musseque	O meu poema é contratado	o meu poema é um poema que já quer
ao sábado traz a roupa	anda nos cafezais a trabalhar	e já sabe
à segunda leva a roupa	o contrato é um fardo	o meu poema sou eu-branco
ao sábado entrega a roupa e entrega-se	que custa carregar	montado em mim-preto
à segunda entrega-se e leva a roupa	“monangambééé”	a cavalgar pela vida (Jacinto, 1961, p.34-38).
O meu poema está na aflição	O meu poema anda descalço na rua	
da filha da lavadeira		
esquiva		

Indicações metodológicas:

O docente deverá orientar aos estudantes uma leitura e interpretação com objectivo de Identificarem no texto poético, as condições em que os angolanos eram submetidos ou tratados nas várias plantações de café, algodão não só em Angola, mas também nas Américas e outros países de África, cujos resultados foram claramente expostos nas revoltas de 1961, em função dos maltratos que milhares de angolanos passavam no cultivo de vários produtos, sendo o café e algodão de maior incidência, como refere Kamabaya:

Aqui, o trabalhador não tinha sequer direito à alimentação nem aos instrumentos de trabalho para este serviço prestado gratuitamente, pois pertenciam ao próprio serventuário. Esta é a triste situação em que se encontravam os indígenas de Angola, Moçambique e Guiné, ou seja, a África portuguesa mais Explorada (Kamabaya, 2014, p.110).

O autor traz a ideia de que o seu poema é o povo, que em função do contexto, está alienado, anda vadio em qualquer parte (cidade ou mato), trabalha na cozinha, nas roças, nas fazendas, em casas dos patrões etc. Vê-se claramente que o povo é retratado como um poema tal como refere o autor «o meu poema foi feito para se dar, para se entregar, sem nada exigir, mas o meu poema não é fatalista o meu poema é um poema que já quer e já sabe'» trata-se de uma denúncia que o autor faz em que refere o povo angolano como uma mercadoria (escravos), que se vende e se compra e que o mesmo é privado de direitos e liberdades, mas mesmo assim, este povo ainda tem resiliência, por que já sabe o quê quer, isto implica uma tomada de consciência para a luta, começa então a nascer o processo de libertação nacional.

Esta forma de trabalhar com os estudantes, é sem dúvidas uma maneira muito produtiva, na medida em que não só se podem desenvolver várias habilidades como já se referenciou, mas também tornar as aulas de História mais interessante e motivadora por parte dos estudantes. A experiência de formação dos autores permitiu-lhes desenvolver um conjunto de habilidades que resultou na elaboração do presente artigo.

5. CONCLUSÕES:

O poema transforma as aulas de História num laboratório em que os estudantes através da imaginação e sensibilidade podem experimentar os factos históricos estudados permanentemente, além de desenvolver capacidades como: Interpretação, análise, síntese, imaginação, comparação, generalização, particularização, tornando cada vez mais o estudante num sujeito na construção do seu próprio conhecimento.

A História de Angola e de África está claramente presente nos poemas de vários nacionalistas angolanos e não só, razão pela qual, seria legítimo que os docentes em suas aulas transformassem também estes poemas em recurso de ensino, pois neles contêm muita informação sobre a História não só de Angola, mas também de África. Para além das aulas serem produtivas, motivadoras e divertidas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Camacho, A. & Tavares, A. (2014). *O nosso dicionário*. Plátano Editor.

Cavalcanti, L. M. (2014). Poesia o que é e para que serve ? Recorte, *Revista Electrónica*, 11(1). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es>.

- De Souza, E. S. (2007). *O uso de recursos didáticos no ensino escolar*. I Encontro de Pesquisa em Educação, IV jornada de Prática de Ensino, XIII semana de Pedagogia da UEM: Infância e Práticas Educativas. Arquivo Mudi. Disponível em: <http://www.dma.ufv.br/downloads/MAT%20103/2014-II/listas/Rec%20didaticos%20-%20MAT%20103%20-%20>.
- Dos Santos, L. C. (2004). *A questão do Método na Investigação Científica*. Revista Baiana de Tecnologia, Camaçari-BA, Vol.19, nº2-3. Disponível em: https://tsisolution.com.br/project_sites/lcsantos/wpcontent/uploads/2020/10/A_Questao_do_metodo29052013-15084.
- Fernandes, C. W. (2021). *Práticas Pedagógicas e o Ensino-Aprendizagem da História*. Editora: Nhconteúdos.
- Ferreira, M. (1997). *No Reino de Caliban II*. 3ªed. Lisboa: Plátano Editor.
- Massaud, M. (2013). *Dicionário de Termos Literários*. Editora Pensamento-Cultrix LTDA.
- Miranda, F. S. & Echevarría, H. R. (2017). *Aplicação da Didáctica no Ensino Superior*. Mayamba Editora.
- Filho, S. A. C. (2019). *Intelectuais das Áfricas*. 2ªEd. Editoras Pontes
- Gerhandt, T. E & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Editora da Ufrgs. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=dRuzRyElzmkC&oi=fnd&pg=PA9&q=M%C3%89TODO+DE+PESQUIS>
- Jacinto, A.(1961). *Poemas*. 1ª Edição: Casa dos Estudantes do Império. Coleção de Autores Ultramarinos. Disponível em: https://www.uccla.pt/sites/default/files/colectanea_de_poemas_ant_jacinto.pdf.
- Kamabaya, M. G. (2014). *Renascimento da Personalidade Africana*. Ed. Mayamba.
- Ki-Zerbo, J. (2010). *História Geral de África-I: Metodologia e Pré-Histórica da África*. Unesco-Brasília.
- Nascimento, W. (2022). *Jogos nas Sobras. Realidades Misturadas, Estratégias de Subjectivação e Luta Anticolonial em Angola (1901-1961)*. 2ª.Ed. Campinas, SP: Pontes Editores.
- Piletti, C. (2004). *Didáctica Geral*. Editora Mica.
- Silva, A. C. M., Freitag, I. H., Tomasselli, M. V. F. & Barbosa, C. P. (2017). *A importância dos recursos didáticos para o processo de ensino-aprendizagem*. Arquivo do Mudi, V.21, nº02, P.20-31. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/38176/pdf>

Wheeler, D. & Pélissier, R. (2006). *As raízes do nacionalismo angolano: publicações de protesto dos assimilados, 1870-1940* in: Vidal, Nuno e Andrade, Justino Pinto de (org).

Viera, J. L. (1981). *A vida verdadeira de Dmmingos Xavier*. Ática.

Zarpelon, S. (2021). *Planejamento. Escola de Educação Básica Municipal Madre Leontina*.

Disponível

em:

https://ibicare.sc.gov.br/uploads/sites/423/2021/12/2110996_3_ANO_DE_26_A_30_D_E_ABRIL_DE_2021.pdf.